



**Quando a
cidade e seus
monumentos
contam
História: o
IHGB e a
homenagem
aos patriarcas
no Centenário
da
Independência**

**José Lúcio
Nascimento Júnior¹**

**When the city and
its monuments tell
a story: IHGB and
the tribute to
Centenário da
Independência's
patriarchs**

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: prof.joselucio@gmail.com.

Resumo

O artigo examina um dos eventos ocorridos como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil. Analisa-se o cruzamento entre os discursos proferidos por letrados de diferentes nacionalidades e as representações que os locais e as estatuas apontam. Observa-se tanto a forma como o IHGB estava interpretando a Independência do Brasil durante tais comemorações como a imagem de Brasil que estava auxiliando a construir. Dentre as fontes utilizadas citamos o Jornal *O Paiz* e as atas do I Congresso Internacional de História da América, organizado e realizado no IHGB entre os dias 08 e 15 de setembro de 1922. Conclui-se que a imagem construída sobre o Brasil e os discursos produzidos ao longo da Exposição encontram grande ressonância entre os intelectuais que participaram do evento.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; Sociologia Urbana; Pensamento Social Latino-americano.

Abstract

The article examines one of the events that took place as part of the celebrations of the Centenary of Independence of Brazil. The intersection between the speeches given by scholars of different nationalities and the representations that the locals and the statues point out is analyzed. One observes both the way the IHGB was interpreting the Independence of Brazil during such celebrations as the image of Brazil that it was helping to build. Among the sources used, we mention the Journal *O Paiz* and the minutes of the 1st International Congress on the History of America, organized and held at the IHGB between September 8 and 15, 1922. It is concluded that the image constructed about Brazil and the speeches produced during the Exhibition find great resonance among the intellectuals who participated in the event.

Keywords: Rio de Janeiro; Urban Sociology; Latin American Social Thought

Introdução

A presente nota de pesquisa traz como objeto de estudo a homenagem feita pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no dia 07 de setembro de 1922, aos patriarcas da Independência, José Bonifácio, D. Pedro I e D. Leopoldina. Os membros do Silogeu Brasileiro escolheram conduzir tal homenagem em locais específicos da cidade: nas estatuas de José Bonifácio e D. Pedro I, e dos despojos da D. Leopoldina localizadas no Centro da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal e sede das comemorações do Primeiro Centenário da Independência.

A escolha dos locais para a homenagem, assim como a ordem de quem estava previsto para discursar revelam a intencionalidade de apresentar uma visão de História e uma imagem do Brasil que ia além das narrativas historiográficas, mas que as combinavam com outros discursos sobre o passado, tais como as estatuas de José Bonifácio, localizada no Largo de São Francisco, próximo à área onde habitou o próprio patriarca; e a de D. Pedro I, que se situa na praça Tiradentes, nome dado ao local pelos militares após a instauração da República em 1889². Os despojos de D. Leopoldina encontram-se na Igreja de Santo Antônio, atual largo da Carioca, ponto central na história da cidade.

Por isso, o presente artigo tem por objetivo analisar o cruzamento entre os discursos proferidos por letrados de diferentes nacionalidades, tais como o Conde de Afonso Celso (presidente do IHGB), Ricardo Levene (membro da Junta de História e Numismática da Argentina) e Pedro Dulanto (professor da Universidade de São Marcos, no Peru), e as representações históricas que os locais e as estatuas representam. Para tanto, análise-se os discursos, ou partes deles, que foram reproduzidos em jornais da época, como *O Paiz* e *A Exposição de 1922*, sendo o último veículo oficial da Exposição Internacional de 1922.

A cidade também conta uma história

Para Argan (2014), a cidade é, em si, um produto artístico. Como tal pode ser pensada no todo ou em partes. Nela é possível encontrar diferentes formas de arte: desde as construções arquitetônicas e estatutária até arte urbana e popular, sendo importante observar tanto o conjunto quanto as partes para se saber o que

² O nome da Praça foi atribuído a herói da república em 1890 nas comemorações de seu centenário de morte, tendo sido chamada antes como Campo da Lampadosa, devido a Igreja de Nossa Senhora da Lampadosa que fica nas proximidades, e depois de Praça da Constituição, a partir de 1821.

Quando a cidade e seus monumentos contam História: o IHGB e a homenagem aos patriarcas no Centenário da Independência

se conservar e porque. Nesse sentido, é o ser humano que atribui valor a cidade e a arte que se pode encontrar nela.

Ao examinarmos os locais escolhidos pelos membros do IHGB para realizar as homenagens aos patriarcas da independência, não podemos deixar de notar que eles tinham por objetivo relacionar o monumento a ser visitado com a narrativa histórica que se reavivar. Como aponta Catrogra (2015), em momentos de comemoração pode haver a construção de relações entre o calendário comemorativo e a produção historiográfica existente. Não sem intensão, foram escolhidos as estátuas do proceder da independência como local de comemoração e não a sede do IHGB ou outro local em que havia alguma cerimônia ligada a Independência.

Além disso, tais locais não ficavam distantes do lugar onde se realizou a Exposição Internacional, nem do Silogeu Brasileiro, edifício-sede do Instituto Histórico. Na Planta Geral da Exposição do Centenário da Independência, é possível observar como estavam dispostos os pavilhões ao longo do centro da cidade; cabe destacar que o Pavilhão Monroe (também conhecido como Palácio Monroe³), listado com o número 25 na Planta, localizava-se no Passeio Público a poucos metros da sede do IHGB, que se localiza ao lado dessa praça. Vejamos na Figura 1, abaixo.

³ Segundo Luigi Bonafé a ideia de batizar o Pavilhão do Brasil como Palácio Monroe haveria sido dado por Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco após o fim da III Conferencia Pan Americana. Além disso, não podemos esquecer que ele foi remontado no Brasil na avenida Central, atual Rio Branco, porta de entrada do Brasil Moderno após as reformas realizadas na capital federal por Rodrigues Alves e Pereira Passos. (BONAFÉ, 2008, p. 204-208)



Figura 1 – Planta Geral do Primeiro Centenário da Independência do Brasil

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Ao questionarmos onde esses monumentos foram dispostos, ou seja, onde se situavam as estátuas dos próceres da Independência: a de José Bonifácio no Largo São Francisco e de D. Pedro I na Praça Tiradentes. Nesse sentido, a cidade não foi pensada apenas como local de recepção dos diferentes letrados, homens de Estado e historiadores que vieram, tanto de outros estados brasileiros, como de outros países, para participar do I Congresso Internacional de História da América, organizado pelo IHGB entre os dias 08 a 15 de setembro como parte das comemorações do Centenário da Independência, mas a cidade e seu monumentos também foram utilizadas para auxiliar a criar tal narrativa.

Em um momento em que se comemorava o Primeiro Centenário da Independência, o Brasil já não era mais uma monarquia (1822-1889) e a República Liberal já mostrava sinais de esgotamento, sendo ela também alvo de críticas, os membros do Instituto Histórico escolherem lembrar a História do Brasil não apenas pelas personalidades que as estátuas representavam, mas pelo Estado que auxiliaram a construir. É nesse sentido que fora conduzida a visitação e preleções dos presentes naquela manhã do dia 07 de setembro de 1922.

A visitação as estátuas dos próceres da Independência, a saber José Bonifácio e D. Pedro I não fazia parte da programação do I Congresso Internacional

Quando a cidade e seus monumentos contam História: o IHGB e a homenagem aos patriarcas no Centenário da Independência

de História da América, organizado pelo IHGB como parte das comemorações do Centenário da Independência e que teve início no dia 08 de setembro, o que não significa que alguns dos participantes do evento deixaram de comparecer a solenidade organizada pelo Instituto Histórico. O jornal *O Paiz*, com edição para os dias 08 e 09 de setembro de 1922, assim noticiou o evento:

HOMENAGEM DO INSTITUTO HISTÓRICO

A diretoria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, acompanhada de grande número de sócios da veneranda Instituição, compareceu anteontem ao monumento de José Bonifácio, onde depositou rica palma de flores.

O conde de Affonso Celso, presidente perpétuo do Instituto, falou sobre a personalidade do patriarca da independência, lembrando as várias etapas de sua gloriosa existência.

Associaram-se à homenagem as delegações argentina e da Universidade de São Marcos, no Peru, perante o Congresso Internacional de História da América, tendo proferido eloquentes orações os professores Dr. Ricardo Levene, decano da Faculdade de Educação, da universidade de la Plata; Dr. Mariano da Vedia Mitre, e Dr. Pedro Dulante, da universidade de São Marcos.

Todos estes oradores, que como o conde de Affonso Celso, foram calorosa e justamente aplaudidos, tiveram expressões de alto louvor a José Bonifácio e palavras de muito carinho ao nosso país.

Do largo do São Francisco, incorporados, foram visitar a estátua de Pedro I, sobre cuja personalidade falou o conde de Affonso Celso.

Também os despojos da imperatriz Leopoldina mereceram os testemunhos de apreço do Instituto Histórico, pois o se acham, foram visitados, orando por essa ocasião, o Sr. Fleiuss, secretário perpétuo do instituto (O PAIZ, 1922).

Como apresentado pelo Jornal *O Paiz*, no dia 07 de setembro de 1922 o IHGB conduziu a homenagem aos patriarcas da Independência do Brasil. A solenidade se iniciou com a visita a estátua de José Bonifácio, localizada no largo de São Francisco, a frente a antiga Escola Politécnica (atual Instituto de Filosofia e Ciências Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Nela estiveram presentes além de membros do Instituto Histórico, membros das delegações do Peru e da Argentina.

Após as locuções do Conde de Afonso Celso, Pedro Dulanto e Ricardo Levene, as homenagens seguiram para a praça Tiradentes, onde se encontra a estátua equestre de D. Pedro I e findou-se junto aos despojos de D. Leopoldina, no convento de Santo Antônio no Largo da Carioca. Outra vez tomou a palavra o presidente do Silogeu Brasileiro, o conde de Afonso Celso. Por fim, seguiram para o Convento de São Antônio, onde estavam os despojos da D. Leopoldina; porém, a preleção ficou a cargo do secretário perpétuo do Instituto, o senhor Max Fleiuss.

Sobre os discursos que serão analisados a seguir, cabe destacar que eles constam tanto no Jornal *O Paiz* quanto no anexo da ata da seção solene de encerramento do I Congresso Internacional de História da América. Tais fontes não apenas apresentam os locais visitados, mas os discursos proferidos por Ricardo Levene e Afonso Celso no local, além de fazer menção aos demais oradores. Essa situação pode ser compreendida pelo fato de que o Conde, na posição de Presidente do Instituto Histórico deve ter preparado previamente um discurso a ser lido na ocasião; o mesmo pode ser dito de Ricardo Levene (membro da Delegação argentina), uma vez que consta carta dele para Fleiuss, datada de 11 de junho de 1921, onde o próprio solicita ao amigo orientações sobre o congresso e avisa que irá junto a uma delegação, além de que o evento auxiliaria no desenvolvimento das relações entre os intelectuais de ambos os países (LEVENE, 1921). Parte da correspondência trocada por estes dois letrados e pertencentes a Max Fleiuss foi doada ao Instituto Histórico e faz parte do acervo documental da Instituição.

As estátuas revelam disputas pela memória

A estátua de José Bonifácio foi inaugurada em 1872, alguns anos após a de D. Pedro I, que data de março de 1864. Sua inauguração completava a ideia de D. Pedro II de celebrar os cinquenta anos Estado Nacional. Em ambas estavam embutidas a ideia de celebração da memória do Império brasileiro. O lançamento do projeto de subscrição para a construção das esculturas ocorreu em 1838, mesmo ano de criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Colégio Pedro II. Não sem relação com o debate da capital, em 1867, em Ouro Preto foi erguido um monumento a Tiradentes, sendo ele visto como um possível herói republicano ainda em tempos de império (CARVALHO, 2017).

Sobre o uso de monumentos como objetos para a memória, Knauss (2000b) indica que a celebração de personalidades públicas com esculturas públicas remete a França na passagem do século XVIII para o XIX e a ideia de educação cívica e patriótica. Como exemplo, pode ser citado o uso da figura feminina para a República, que era utilizada na França tanto por capitalistas quanto por socialistas, variando os atributos a ela atribuída (CARVALHO, 2017). No caso das personalidades acima citadas, sua representação deveria auxiliar a divulgar seus feitos heroicos e seu papel na construção do Estado Nacional. Através delas, a

Quando a cidade e seus monumentos contam História: o IHGB e a homenagem aos patriarcas no Centenário da Independência

memória sobre um indivíduo deveria abarcar a ideia de coletividade, uma vez que se buscava que a sociedade se identificasse com o Estado via personagem representado.

Não obstante, sobre a representação de D. Pedro I que sua escultura visava trazer, Knauss (2010a, p. 410) argumenta que

[...] de início, o emblema se impõe na área da cidade onde havia ocorrido o martírio do inconfidente colonial, Tiradentes, membro de uma conspiração anticolonialista, mas também antimonárquica. A praça que sai via incorporada ao tecido urbano pela promoção de obras de urbanização foi inaugurada com o nome de praça da Constituição, identificando-a, na toponímia, com o gesto fundador do Estado nacional sob o regime monárquico.

E o fato de estarem localizadas a uma pequena distância uma da outra não era sem significado, pois

esse conjunto narrativo que afirma simbolicamente o Estado imperial fica mais acentuado quando se associa a estátua equestre de D. Pedro I à de José Bonifácio nas proximidades. As duas peças foram concebidas conjuntamente e guardam uma identidade complementar: na segunda, a inscrição das datas do cinquentenário indica o parentesco da obra. [...]Ademais, nos cantos do embasamento, instalaram-se as alegorias das virtudes clássicas, identificando o Estado não apenas com a ação histórica – o gesto fundador de D. Pedro I –, mas também por suas qualidades. A figura de José Bonifácio representa a razão do Estado. Metaforicamente, a razão e a ação histórica representadas pelas duas imagens afirmam o papel social do Estado na construção da nação (KNAUSS, 2000^a, p. 410-411).

A praça onde ainda se encontra a estátua equestre de D. Pedro I deixou de se chamar Praça de Constituição nos primeiros anos da República. Porém, não podemos esquecer que a distância temporal entre a Conjuração Mineira (1789) e a mudança nome do Largo do Rocio para praça da Constituição (1824) não era grande, tendo se passado 35 anos. Ela passaria a se chamar Praça Tiradentes, demonstrando que a negociação do passado era uma constante no período. Logo após a proclamação da República o dia 21 de abril foi transformado em feriado e em 1890 se iniciou um desfile em homenagem a Tiradentes. Nesse espaço geográfico da cidade a disputa pela memória da nação era intensa.

Outro ponto a se considerar, consiste nas disputas ocorridas no próprio espaço quando da inauguração da estátua de D. Pedro I. Teófilo Otoni, republicano, a chamava de mentira de bronze e sob sua inspiração Pedro Luís Pereira compôs um poema a ser distribuído no dia de sua inauguração, o que ocorreu mesmo com

a ação da política na tentativa de impedir o ato. Esse mesmo poema sobreviveu inauguração em 1864 e foi republicado em 1888 em Ouro Preto. Segundo Carvalho (2017, p. 65), “a luta pela memória de D. Pedro I promovida pelo governo e de Tiradentes, símbolo dos republicanos, tornou-se emblemática da batalha entre Monarquia e República”. Carvalho (2017) aponta que tal disputa continuou após a instauração do regime republicano.

A escolha dos lugares a se visitar no dia 07 de setembro de 1922 foi realizada de forma proposital pelos membros do IHGB. Havia uma ideia de passado que se gostaria de retomar e os membros do Instituto Histórico utilizaram sua habilidade para celebrar as glórias do império. Ir primeiro na estátua de José Bonifácio, inaugurada em 1872, quando da comemoração dos 50 anos do Estado brasileiro, mostrava que o meio século passado não havia apagado a ideia de celebrar o Estado via por meio da imagem heróis fundadores. Como ressalta Knauss (2000a, p. 410), “a figura de José Bonifácio representa a razão do Estado” brasileiro, podendo ser a escolha da visita a sua escultura uma forma de celebrar o Estado que fazia 100 anos naquele dia.

O Império estava distante, porém, o Estado por ele criado ainda poderia ser utilizado para compor o projeto de nação desejado. Não obstante a imagem de D. Pedro II era utilizada para se criticar os governos republicanos na e da década de 1920 e, nas seguintes (GUIMARÃES, 2007). O próprio Getúlio Vargas também dela se valeria para construir seu projeto de nação. Cabe, então, analisar os como tais monumentos foram utilizados no dia 07 de setembro de 1922 pela comitiva liderada pelo IHGB.

As palavras também são importantes

Nas palavras proferidas por Ricardo Levene (IHGB, 1925), por ocasião da homenagem ao patriarca José Bonifácio, temos a construção de uma imagem, onde pode-se observar alguns pontos sintomáticos⁴. Em primeiro lugar pode-se ressaltar como José Bonifácio foi apresentado por Levene: o precursor de nacionalidade brasileira, com um papel incontestável na independência do Brasil e como o fato de ser monarquista o aproxima de personalidades argentinas, tais como José de San

⁴ Aqui o conceito de imagem-sintoma como ferramenta operatória auxilia a compreender os usos do passado utilizados por Ricardo Levene e o Conde de Afonso Celso em seus discursos. Sobre imagem-sintoma ver DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 44.

Martin, Belgrano, Rivadavia e Pueyrredón, todos argentinos e monarquistas. Em seguida, na questão da nacionalidade e da independência, o grilo do Ipiranga foi apresentado por Levene como um indício de nacionalismo, sendo D. Pedro um artífice neste processo. Para analisar o ambiente do brado de Independência ou Morte, recorre as formulações propostas por Oliveira Lima, demonstrando ser conhecedor da produção historiográfica brasileira. Por fim, ressalta que fora a monarquia que manteve a integridade do território brasileiro.

O discurso de Afonso Celso fora proferido após as palavras de Ricardo Levene, Mariano de Vedia Mitre e Pedro Dulanto (sobre quem o jornal *O Paiz* comete um pequeno erro de grafia em seu nome), para os quais agradece pelas palavras. O conde inicia seu discurso lembrando que a ideia de homenagear José Bonifácio em seu monumento fora concebida a mais de 60 anos, mas apenas realizada naquela data.

Sobre Bonifácio destaca que este teve uma vida na Europa e outra na América, sendo ele o “maior entre os brasileiros”. Cabe notar que o uso de Europa e América em suas palavras não se constitui como um uso desprovido de significado, perante a membros de delegações de outros países latino-americanos, Afonso Celso buscava colocar o Brasil como parte América, situando o país no continente, posição que ao longo do Império não fora assumida. Tal aproximação tornava-se ainda mais explícita ao comparar Bonifácio a San Martín e Bolívar em termos de conquistas militares.

Uma vez que não há transcrição dos discursos proferidos pelos membros da comitiva na estátua de D. Pedro I, na praça Tiradentes, e no Convento de Santo Antônio, junto aos restos mortais de D. Leopoldina, sublinha-se que, no primeiro, fora, mais uma vez, Afonso Celso quem fez a preleção; mas, no segundo, coube a Max Fleiuss a proferir um discurso sobre a Imperatriz do Brasil. Acerca deste fato, destaca-se que Fleiuss possui produção sobre a vida de D. Pedro II e realizou pesquisa no arquivo de D. Leopoldina presente no IHGB.

Considerações Finais

Não havendo como acessar as palavras proferidas pelos membros do IHGB e da comitiva, recorreremos ao significado da escultura que pode ser observada por ambos e pela comitiva que os acompanhava na ocasião. De início, a escultura foi

erguida no local onde ocorreu martírio do inconfidente colonial e que os líderes republicanos, uma vez instaurado o novo regime, fizeram questão de resgatar. A própria imagem de Tiradentes havia sido utilizada por monarquistas e republicanos no início do regime inaugurado em 1889. A estátua traz D. Pedro I em sobre o cavalo e acima do tempo, pois a cronologia da independência é apresentada no gradil abaixo da personagem. No conjunto da imagem da escultura tem-se a representação dos rios Amazonas, Madeira, São Francisco e Paraná, representados por elementos da fauna e por indígenas, na base do monumento. A constituição é um elemento presente na mão de D. Pedro I simbolizando a nação.

Ao colocar nos anais do I Congresso Internacional de História da América a celebração de homenagem ao centenário da Independência do Brasil através da visita as esculturas de José Bonifácio e D. Pedro I, e aos despojos de D. Leopoldina no Convento de Santo Antônio, os membros do IHGB estavam demonstrando que a Educação Cívica por meio do conhecimento histórico se fazia não apenas com o estudo das biografias das personalidades públicas, comum no ensino de História no Brasil dos anos 1920, mas também no uso de estatuas e outros monumentos como emblema político de culto laico a nação. Outra forma de celebrar a nação era se valendo da cidade como *locus* de modernidade e progresso.

Artigo recebido em 21 de junho de 2020.

Aprovado para publicação em 31 de outubro de 2020.

Referências

A EXPOSIÇÃO DE 1922, 1922. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800899&pesq=congresso%20internacional%20de%20hist%C3%B3ria%20da%20am%C3%A9rica>. Acesso em 14 abr. 2017.

ARGAN, Giulio. *História da Arte como história da cidade*. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas: imaginário da república no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

CATROGRA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

Quando a cidade e seus monumentos contam História: o IHGB e a homenagem aos patriarcas no Centenário da Independência

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do Tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Humanitas / UFMG, 2015

GUIMARÃES, Lúcia M^a Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007

IHGB. *Revista do IHGB – Tomo Especial: Congresso Internacional de História da América (1922)*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1925

KNAUSS, Paulo. *O descobrimento do Brasil em escultura: imagens do civismo*. Projeto História. São Paulo: n. 20, p. 175-192, abr. de 2000b.

KNAUSS, Paulo. *Imaginária urbana: escultura pública na paisagem construída do Brasil. Paisagem e arte*. Salgueiro, H. (org.). *Paisagem e Arte*. São Paulo: CBHA, 2000a.

LEVENE, Ricardo. Carta de Levene para Fleiuss datada de 11 de junho de 1921. Manuscrito sob guarda do IHGB.

O PAIZ. 08 e 09 de setembro de 1922. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_05&pasta=ano%20192&pesq=homenagem%20a%20jos%C3%A9%20bonif%C3%A1cio. Acesso em: 02 jun. 2017.